



O MARANHÃO DE DONA TETÉ: Refletindo a importância da mulher maranhense na cultura através da eletiva “Maranhensidade em foco: a presença feminina na construção da sociedade maranhense”.

SILVA, Lharyssa Thyanne Pereira da ¹
MEIRELES, Ivanilson da Silva²
DOURADO, Marilde Rego³
SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos⁴

RESUMO: O presente relato de experiência apresenta as atividades desenvolvidas no Programa Residência Pedagógica - PRP, do curso de História, com a disciplina eletiva de base “Maranhensidade em foco”, para os estudantes da 1ª série do Ensino Médio aplicado na escola Centro de Ensino Santa Teresa, localizada no bairro da Cidade Operária na cidade de São Luís-MA. Buscou-se trabalhar com a perspectiva do termo “maranhensidade”, presente no Documento Curricular do Território Maranhense, a luz de autores que discutem o ser maranhense, analisando as participações femininas que tiveram notoriedade no âmbito político, cultural e social, se utilizando da abordagem do ensino de História Local como proposta metodológica para se trabalhar a questão da “maranhensidade”. Nesse intento, selecionou-se a figura de Dona Teté para trabalhar a manifestação cultural do cacuriá e do toque de caixas alusiva ao festejo do Divino Espírito Santo no evento pedagógico da escola sobre o dia da Consciência Negra. A abordagem sobre este aspecto da cultura maranhense propiciou para o envolvimento dos estudantes e dos demais sujeitos da comunidade escolar na valorização da cultura afrobrasileira.

PALAVRAS-CHAVE: História Local; Maranhensidade; Cultura afrobrasileira.

1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência expressa as atividades desenvolvidas pelos residentes do Programa Residência Pedagógica (PRP), do curso de História-Licenciatura, na eletiva de base “Maranhensidade em foco: a presença feminina na construção da sociedade maranhense” para os estudantes da 1ª série do Ensino Médio, aplicado na escola Centro de Ensino Santa Teresa, localizada no bairro da Cidade Operária na cidade de São Luís-MA. Buscou-se analisar as participações femininas que tiveram notoriedade no âmbito político, cultural e social, se utilizando da abordagem do ensino de História Local como proposta metodológica para se trabalhar a questão da “maranhensidade”.

¹ Graduanda em História Licenciatura, Bolsista do Programa Residência Pedagógica (PRP) - Capes, UEMA, Campus Paulo VI., lharyssa.uema@gmail.com.

² Graduando em História Licenciatura, Bolsista do Programa Residência Pedagógica (PRP) - Capes, UEMA, Campus Paulo VI., ivanilson22meirelles@gmail.com.

³ Professora da Educação Básica do Estado e Municipal, Preceptora pelo Programa Residência Pedagógica (PRP) - Capes. mregodourado@gmail.com.

⁴ Professora Doutora da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, Orientadora do Programa de Residência Pedagógica (PRP) - Capes, UEMA, Campus Paulo VI, sandramoicana@yahoo.com.br.

Este conceito está contemplado no Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA), esta norma alinhada à BNCC orienta a construção dos currículos das escolas, sendo expresso em seu texto “a necessidade de enxergar a diversidade sociocultural que norteia a construção histórica do estado e de seu povo, tendo-se a ‘maranhensidade’ como eixo fundamental da construção de um bom currículo” (Maranhão, 2022, p. 15).

Sob a perspectiva de Viana, Santos e Moura (2021), Silva, Silva e Moura (2020) entre outros autores, buscamos trabalhar com a exploração do termo de “maranhensidade” como um conceito inconcluso e que se apresenta como possibilidade para abordarmos em sala de aula outras histórias para além do currículo oficial.

Dentre as personalidades femininas de destaque no Maranhão, trazemos nas aulas expositivas as figuras de Maria Aragão, Roseana Sarney, Maria Firmina, Terezinha Rego, Dona Teté e Alcione Nazaré, contextualizando suas trajetórias, feitos e problematizando o lugar da mulher do século XIX até os dias atuais.

Através da disciplina eletiva de base, nosso intuito visou para além da transposição de informações, buscando a participação dos estudantes com discussões acerca do conteúdo e por meio da apresentação dos estudantes no evento da escola sobre o dia da Consciência Negra, com enfoque para a figura de Almerice da Silva Santos, também popularmente conhecida como “Dona Teté”, trazendo com a oficina de caixas do Divino a expressão cultural da religiosidade afrobrasileira.

A proposta desta atividade na escola estimulou discussões construtivas durante o decorrer da disciplina, concretizando os saberes adquiridos em forma de culminância da eletiva, abrangendo temas como empoderamento feminino, representatividade e resistência aos desafios enfrentados em diferentes épocas. Além disso, ressaltamos a necessidade de combater o apagamento histórico dessas figuras femininas, destacando seu papel fundamental na construção da identidade maranhense.

2 METODOLOGIA

Adotamos nessa trajetória metodológica a pesquisa bibliográfica e qualitativa, considerando as discussões teóricas em torno do conceito de “maranhensidade”, a figura feminina na História e História Local. Partimos de uma aula expositiva dialogada abordando a trajetória de Dona Teté, a origem do cacuriá, sua relação com as religiões afrobrasileiras e a festa do Divino Espírito Santo.

Em conformidade com as proposições metodológicas de Farias et.al. (2011), buscamos as diferentes estratégias de ação didática para se trabalhar em sala de aula, na qual existem outras possibilidades como:

[...] estudo de caso, pesquisa, projetos, dramatizações, seminários, estudo de textos, júri simulado, painel, fórum, oficinas, estudo do meio, trabalhos de grupo, portfólio, mapa conceitual, discussão em meios informatizados, dinâmicas de grupo, tempestade mental, estudo dirigido e exposição oral (Farias et. al., 2011, p. 142).

Levando em consideração a noção de pertencimento dos estudantes, dialogamos com a perspectiva de Gomes (2015, p. 77):

[...] a História Regional/Local é de suma importância para o resgate e a afirmação da cultura e identidade de um povo. É importante para os indivíduos, sensibilizados por meio de uma reflexão sobre as questões do regional/local, contextualizar historicamente e problematizar a sua noção de identidade, seu lugar no mundo, como sujeitos de sua própria história.

Sendo assim, buscamos trabalhar com assuntos pouco discutidos no que tange a historicidade do Maranhão: o seio de algumas das práticas culturais típicas do estado, em especial, a disseminação do Cacuriá e a importância de Dona Teté, personalidade em destaque na construção da eletiva, como canal para a difusão desta parcela da cultura afrobrasileira dentro e fora do estado do Maranhão.

A sistematização das atividades com os estudantes se deu no dia 14 de setembro, com o feirão de eletivas organizado pela gestão do C.E Santa Teresa, onde foi apresentado a disciplina eletiva de base intitulada “Maranhensidade em foco: a presença feminina na construção da sociedade maranhense”, dando origem à turma que foi acompanhada semanalmente pelos residentes durante o segundo semestre de 2023.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O encontro seguinte, realizado no dia 28 de setembro, foi marcado pela apresentação das personalidades que seriam trabalhadas ao longo da eletiva,

tratando sobre uma breve biografia de Maria Aragão, Roseana Sarney, Ana Jansen, Terezinha Rego, Dona Teté e Maria Firmina.

Trabalhamos com enfoque para a figura de Almerice da Silva Santos, conhecida como Dona Teté, nascida no sítio da Conceição no bairro do Batatã em 1924, consagrada no estado como dama da cultura popular maranhense, pelo seu célebre cacuriá.

Desde 1986, esta dança ganhou notoriedade principalmente nas atrações juninas e em outros momentos de manifestações culturais que permeiam o calendário maranhense. Entretanto, a presença do cacuriá no estado data desde muito antes, conforme relata Rosa (2021, p. 31-32):

A origem do Cacuriá remonta ao ano de 1972, com três personagens da Cultura Popular Maranhense da época: Seu Lauro (Alauriano Campos de Almeida); sua esposa, Dona Filoca ou Filomena (Florinda Conceição Olímpio) e Dona Zelinda Lima. O Cacuriá foi criado por encomenda feita por Dona Zelinda Lima, presidente do Folclore do Maranhão na época. Eles teriam trago o Cacuriá do município de Guimarães, no Litoral Ocidental Maranhense, mais especificamente do povoado chamado Baiacu e então levado para São Luís, capital do Estado.

Acerca da história de Dona Teté, foi apresentado sua trajetória pelo cacuriá, que conforme Cutrim (2012), começou ainda muito cedo, com o interesse de Teté pelo toque de caixa, o qual aprendera sozinha aos oito anos de idade, de tanto observar uma caixeira de nome Maximiana. Escondida de seus familiares, começou a participar das ladainhas características do interior do Maranhão, até que aos 50 anos, integrou o tambor de crioula e o festejo do Divino Espírito Santo de Seu Lauro, já anteriormente citado como importante figura para a brincadeira típica.

Até então, Dona Teté era caixeira e brincante do cacuriá de Seu Lauro, o único existente em São Luís. Foi apenas em 1980 que foi convidada individualmente para ensinar o toque de caixa e, seis anos depois, foi instigada a apresentar o seu próprio Cacuriá. Deu-se então o início do Cacuriá de Dona Teté, grande marco para a brincadeira típica, onde grandes mudanças foram implementadas como novas roupas, novas formas de se tocar e danças que em muito se distinguiram do seu antecessor. Apesar das mudanças drásticas ocorridas dentro da brincadeira com o início deste novo grupo e com o passar dos anos, a dança típica não perde em sua essência, o vínculo infindo com suas raízes na religião e na tradição da festa do Divino.

No dia 05 de outubro, prosseguindo com as atividades, buscamos organizar os alunos em grupos de até cinco pessoas para as culminâncias que ocorreriam no decorrer da eletiva com apresentações semanais. Nesse sentido, pensando o evento programado da escola em realizar atividades alusivas ao dia da Consciência Negra, planejamos a apresentação da personalidade de Dona Teté como expoente da dança do cacuriá, como parte significativa da cultura afrobrasileira no contexto maranhense.

Ao tratarmos sobre a figura de Dona Teté, percebemos que atraiu grande atenção dos estudantes e permitiu que os residentes pudessem trabalhar com a questão da cultura religiosa afrobrasileira, um tema ainda pouco explorado em sala de aula. Esta abordagem contribuiu para que os estudantes adquirissem conhecimentos sobre manifestações culturais inerentes ao Maranhão, pois conforme Cutrim (2017, p. 1):

Despertar o interesse acerca de nossa cultura regional nos permite levar aos alunos uma formação individualizada e diferenciada de currículos unificados por uma história nacional limitada e lapidada pelos pólos de produção intelectual brasileira, principalmente provindos dos interesses do sul e sudeste do país.

Considerando a relevância da figura de Dona Teté, percebemos sua representatividade como um elemento significativo para a construção identitária sociocultural do estado do Maranhão, que vem sendo cultivado pelas caixeiros do Divino a popularização do cacuriá.

Conforme discutido por Silva, Silva e Moura (2020), a identidade maranhense se tornou novamente como pauta no estado a partir do governo de Jackson Lago (2007-2009), empregando o termo “maranhensidade” como adjetivo para as peculiaridades do povo maranhense, seu “jeito de ser” ou sua identidade, referindo-se especialmente ao bumba-meu-boi.

Após o período de cassação do governador Jackson Lago em 2009, o termo será retomado somente a partir do governo de Flávio Dino (2015-2022), que resgatou o termo como condutor das ações pedagógicas a serem desenvolvidas nas escolas, designando como eixo fundamental no Documento Curricular do Território Maranhense.

A crítica ao DCTMA segundo Viana, Santos e Moura (2020) recai na representação das manifestações culturais ligados ao litoral, destacando que:

[...] o Maranhão possui cinco mesorregiões (Norte, Centro, Leste, Oeste e Sul) e 21 microrregiões que agregam seus 217 municípios. Cada uma das mesorregiões maranhenses possui um agregado de manifestações culturais, materiais e imateriais, que tem sido pouco explorado pelas escolas do estado (IBGE, 2010), causando certa falta de representatividade e até mesmo o desejo de uma separação territorial (Viana; Santos; Moura, 2020, p.191).

Desta forma, buscou-se aprofundar os estudos que trouxesse em discussão as identidades locais para a sala de aula, uma vez que o DCTMA mostra-se vago com relação aos conteúdos e procedimentos metodológicos para tratar sobre a “maranhensidade”.

Nesse sentido, se faz necessário pensar a figura feminina na construção da sociedade maranhense, dialogando com os alunos acerca do apagamento da mulher na história e das nuances culturais existentes dentro de uma prática comum. Respaldando-nos em Cutrim (2017), percebemos ainda o protagonismo masculino nos rituais religiosos africanos, onde os homens dominam os instrumentos de percussão, costume este que se estende também ao Brasil, particularmente nas manifestações de religiões afrobrasileiras, mas que, em sua expressão tipicamente maranhense, encontra uma exceção: as caixeiras do Divino Espírito Santo, mulheres, quase todas com mais de 40 anos, que cantam e tocam as caixas, instrumentos de percussão cujas origens se perdem nos tempos.

Portanto, a origem do Cacuriá de Dona Teté, nasce na miscigenação entre a cultura católica e afrobrasileira, em especial na encantaria maranhense, no Tambor da Mata, também chamado Terecô. Apesar de se tratar de uma festa do catolicismo popular, dentro do estado do Maranhão é, majoritariamente, organizada por pessoas ligadas a religiões afrobrasileiras. Como explana Pavão (1998):

Um dos traços mais significativos nas religiões afro-brasileiras são, sem dúvida, as festas, que possuem extenso calendário ao longo do ano nos terreiros maranhenses, constituindo os atos festivos um traço expressivo do simbolismo. Em nosso Estado, religião e festa são termos que possuem o mesmo sentido. (p. 92)

Retomando a importância de Dona Teté em sala de aula, foi pensado ao grupo de estudantes responsável por esta figura, uma culminância para o evento

pedagógico da escola “Consciência a gente não comemora, a gente pratica: discutindo o 20 de novembro”, realizado no dia 23 de novembro.

Para isto, foram organizadas oficinas com o grupo, que resultaram na apresentação do toque de caixa e do característico cacuriá de Dona Teté no evento em questão.

Figura 01. Apresentação do toque de caixa e do cacuriá pelas alunas do 1º ano.



Fonte: Autoria própria, 2023.

A inserção desta cultura dentro do âmbito escolar sobre a origem e a importância desta tradição folclórica, promove uma conscientização dos estudantes para a preservação dessa manifestação cultural. Tendo em vista que em sua grande maioria, os alunos ali presentes não tinham conhecimento prévio acerca do toque de caixa ou do simbolismo por trás da brincadeira do cacuriá. Este momento de reflexão remete às concepções teóricas de Cutrim (2017, p.4):

[...] o cacuriá fez com que o batuque tradicional das caixas se transmutassem de seu objetivo inicial [...] e passa a ser utilizada como espetáculo apresentado nos festejos de São João, onde até então as apresentações se sintetizavam no bumba-meu-boi, na quadrilha e no tambor de crioula, vistos como únicas tradições folclóricas maranhenses.

No que diz respeito à importância da figura feminina no toque de caixa dentro da festa do Divino Espírito Santo, é possível perceber que o tocar das caixas não está restrito somente a homens, mas que passou pelo processo de inserção das mulheres em diferentes espaços sociais e até das manifestações culturais tradicionais.

Foram convidados para se apresentar o Pai de Santo Tico de Obaluaê e sua Comadre, caixeira do Divino, objetivando aproximar ainda mais os estudantes da realidade desta prática cultural. E, de forma descontraída, pouco a pouco os alunos foram se juntando aos cânticos ensinados pelos mais velhos.

Figura 02. Pai de Santo Tico de Obaluaê e sua Comadre, caixeira do Divino.



Fonte: Autoria própria, 2023.

A realização deste evento na escola propiciou envolver os alunos e chamar atenção para o valor de se conservar a cultura local, aproximando-os da sua ancestralidade e reiterando a importância de seu pertencimento na história. Através da abordagem deste tema, os resultados foram positivos por aflorar nos alunos a curiosidade e afeição pela história local e da cultura afrobrasileira, tão presentes no cotidiano maranhense, expresso em nossas festas, brincadeiras e danças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a nova realidade dos professores de História frente ao Novo Ensino Médio, o trabalho com a referida temática na disciplina eletiva de base tem se apresentado como alternativa para abordar os conhecimentos da disciplina de História com os estudantes.

Dessa forma, encontramos no C.E Santa Teresa a oportunidade de explorar a cultura local de forma lúdica, buscando evidenciar a figura da mulher no contexto da história maranhense.

Com o decorrer da disciplina, percebemos que os estudantes possuíam pouco conhecimento acerca da participação feminina na sociedade maranhense, o que abriu possibilidade de explorar o cerne da cultura maranhense a partir de aulas expositivas dialogadas, resultando na participação dos estudantes de forma mais dinâmica e prazerosa.

Os resultados alcançados foram satisfatórios e atingiram os objetivos definidos durante a construção da ementa da eletiva, constatado ao final da disciplina. Por meio das culminâncias, foi possível acompanhar o desempenho dos grupos para com os conteúdos destacados e, no que tange as manifestações folclóricas apresentadas no dia 23 de novembro, a participação dos demais sujeitos da comunidade escolar representou uma receptividade satisfatória para a proposta da disciplina.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho expressa o que foi planejado pelo subprojeto do Programa de Residência Pedagógica, sendo fruto de esforços dos residentes bolsistas da CAPES em parceria com a Universidade Estadual do Maranhão e o Centro de Ensino Santa Teresa. Gostaríamos de agradecer à gestão, extremamente solícita e prestativa para com as ideias e as necessidades dos residentes, à preceptora Marilde Rego Dourado, que não mediu esforços para que a disciplina fosse finalizada com sucesso e à professora Orientadora, Sandra Regina Rodrigues dos Santos, cuja presença foi indispensável para o bom andamento da disciplina e dos trabalhos desenvolvidos a partir desta, mostrando-se sempre aberta para qualquer dúvida ou necessidade.

Agradecemos também ao Pai de Santo Tico de Obaluaê e sua Comadre, caixeira do Divino, pela disposição em se apresentar no evento acadêmico e por disponibilizar as caixas para as oficinas realizadas com os alunos. Não obstante, tecemos agradecimentos também a nossos familiares, Maria Rosilene e José Nilton, Flaviana Silva e Lethycia Sthephanny, que mantiveram-se durante toda esta trajetória como alicerce fundamental para a materialização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília,

2018.

CUTRIM, Laiana Lindozo Barros. Brincando cacuriá: cantigas de caixeiras em sala de aula. In: XXIX Simpósio Nacional de História. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia**, Brasília, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502847297_ARQUIVO_BRINCANDO_CACURIA-CANTIGASDECAIXEIRASEMSALADEAULA.pdf.

CUTRIM, Laiana Lindozo Barros. **Vamos dar um baile no salão da baronesa**: as representações femininas na dança do cacuriá em São Luís – MA. Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão – São Luís, 2012. Disponível em: <https://www.historia.uema.br/wp-content/uploads/2015/09/laiana-lindozo-barros-cutrim.pdf>.

FARIAS, Isabel Maria Sabino; et. al. **Didática e Docência**: aprendendo a profissão. – 3. ed., nova ortografia – Brasília: Liber Livro, 2011.

GOMES, Márcio Henrique Baima. **Ensino de História do Maranhão nas escolas públicas do estado**: limites e possibilidades. In: XXVIII Simpósio Nacional de História. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia**, Brasília, 2015.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Documento curricular do território maranhense: ensino médio / Maranhão, Secretaria de Estado da Educação**. — São Luís, 2022.

PAVÃO, Jacira, 2003 (1998), “Festa do Divino no Terreiro das Portas Verdes”. In: NUNES, Izaurina Maria de Azevedo (org.). **Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2003, p. 171-174.

ROSA, Willian Costa. **O ensino sobre as danças populares maranhenses na Educação Física**: um guia de orientações didático-pedagógicas para o ensino médio. 2021. 222 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/tede/3887>.

SILVA, Cleres Carvalho do Nascimento; SILVA, Scarlat Carvalho do Nascimento; MOURA, Jónata Ferreira de. Maranhensidade: reflexos sobre o documento curricular do território maranhense. **Revista Humanidades & Educação**, Imperatriz, p. 5–18, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/humanidadeseducacao/article/view/14196>. Acesso em: 4 abr. 2024.

VIANA, Camila Rodrigues; SANTOS Janete Silva dos; MOURA Jónata Ferreira de. Maranhensidade no espaço escolar: formações discursivas entre o lugar curricular e a posição sujeito-professor do Ensino Fundamental I. **Revista Humanidades e Inovação** v.8, n.36. 28 jun. 2021.